

Problemas são os mesmos de todas as satélites



A comunidade se sente sacrificada com a inexistência de uma rede de esgoto e áreas de lazer adequadas



Para o presidente da Associação dos Moradores do Setor O da Ceilândia José Mário Veigas, os problemas do seu setor são os mesmos que enfrentam todos os moradores das cidades satélites: falta de urbanização, inexistência de saneamento básico, deficiência de iluminação pública e um precário sistema de policiamento.

— O policiamento aqui é cômico, pois ele inexistente e os problemas de assalto são gritantes, observou Mário Veigas.

Por outro lado, ele não nega que a cidade tem se beneficiado ao longo desses dez anos de vida: "Graças à administradora, estamos agora fazendo o nosso clube de vizinhança, e a nossa associação tem conseguido levar à frente as suas reivindicações".

Diz ainda Mário Veigas que as maiores reclamações dos moradores se dirigem aos preços das passagens dos ônibus e a quase inexistência de abrigos. "O custo de vida está altíssimo, setores como o nosso necessitam de um mercado da SAB e Cobal para funcionarem como órgãos reguladores de preços", salientou.

ESCOLAS

Os moradores da Ceilândia são unânimes em dizer que no setor educacional básico a cidade nada tem a reclamar, "mas precisamos com urgência de um número maior de escolas de segundo grau, pois essas não atendem à demanda", disse o presidente da Associação dos Moradores do Setor O.

Enquanto os moradores do Setor O reivindicam para o lugar mercados da SAB e Cobal, os moradores do Setor P reclamam que esses estabelecimentos comerciais do governo estão vendendo mais caro que os mercadinhos particulares. A denúncia é da dona-de-casa Ismênia Cardoso dos Santos, 28 anos, da QNP 13, Conj. H Casa 32 reclamando também do alto preço da conta de luz: "Eu pago por luz quase o total da prestação que eu pago para a SHIS da casa que comprei, disse ela.

Já os estudantes Mário Zan (14 anos) e Adailton Rosa da Conceição (12 anos), moradores da QNP 9 Conj. P Casa 07, acreditam que o maior problema da Ceilândia, é a falta de áreas de lazer. "A gente aqui anda uma légua a procura de um campo de futebol ou de um lugar plano onde se pode jogar bola sem o risco de se cair num despenhadeiro", observaram.

DINHEIRO PÚBLICO

— Se os bilhões e bilhões de cruzeiros que os jornais publicam diariamente como destinados à Ceilândia fossem realmente aplicados na cidade, isso aqui estaria um paraíso, disse o comerciante João Arruda, da QNM 6 Conj. D.

A seu ver, as obras da cidade devem estar todas enterradas, "pois aqui a gente só encontra dificuldades, lixo nas ruas totalmente esburacadas, poeira e lama na época de chuvas".

João Arruda, entretanto, acredita que a Ceilândia é um bom local para se viver e se diz revoltado com a imprensa que só se refer à cidade nos noticiários policiais. "Quando o ministro do Interior esteve aqui para liberar a verba de dois bilhões de cruzeiros para o setor P, todos os jornais se referiram ao setor como sendo de Taguatinga, quando ele está na Ceilândia, é bem embaixo do centro da cidade. Entretanto, quando ocorre algum crime ou assalto no setor P, aí eles se lembram que o setor é parte da Ceilândia".

O comerciante, por outro lado, não acredita que os índices de criminalidade da Ceilândia sejam superiores aos de outras cidades satélites. Ressaltou que é preciso se levar em conta que a Ceilândia abriga um maior número de habitantes que as demais satélites.

As estudantes Maria Mercedes e Adriana Santos, ambas com 17 anos, são de opinião que a Ceilândia, mesmo com os seus problemas de "segurança", é um bom lugar para viver. Elas vieram com seus pais da Vila Iapi e praticamente cresceram na cidade que, salientam, "será a melhor satélite de Brasília".